



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

ressaltar de imediato três delas: 1) a função informativa; 2) a função pedagógica e 3) a função política (BUENO, 2007, p 34-35).

Contudo, atividade jornalística, principalmente a concernente ao meio ambiente, suscita discussões a respeito de suas funções. O jornalismo atual desenvolveu uma característica peculiar: a pressa na confecção da notícia. Pautas sobre meio ambiente exigem conhecimento multidisciplinar e o jornalista perde menos tempo na produção das reportagens quando conhece o assunto abordado.

Diante da complexidade do tema ambiental, é essencial que se forme profissionais, no caso da mídia, jornalistas especializados, garantindo a produção de matérias mais qualificadas e completas, pois são informações em demasia, produzidas em um curto espaço de tempo, as quais dificilmente alguém que não esteja ligado à área terá condições de acompanhar (BARBOUR, 2003, p 51).

Percebendo, sobretudo, como o meio ambiente não se insere na velocidade da notícia diária, podemos concluir que seu evoluir é lento e sua abordagem calma e modesta. Isto porque os jornalistas geralmente carecem de embasamento para tratar de temas que exigem maior grau de especialização. Por conta disso, a imprensa não tem agido com eficiência na conscientização (educação) da sociedade e a informação não chega aos cidadãos que, de forma indireta, têm contribuído para a manutenção do cenário ambiental mundial atual. Segundo o jornalista ambiental Roberto Villar e o professor Wilson da Costa Bueno, a imprensa brasileira dificilmente trata dos problemas ambientais com profundidade. As exceções são fruto de um esforço pessoal e isolado. O meio ambiente só é manchete ou ganha espaço e tempo no jornalismo diário quando acontecem desastres, ou quando os assuntos repercutem no exterior.

## 2. O jornalismo ambiental em Roraima

Roraima pertence à região norte do Brasil, que detém a maior parte da Floresta Amazônica e possui uma das mais ricas faunas e floras. O Estado apresenta uma superfície de 230.104 km<sup>2</sup>, recortado por uma grande rede fluvial integrante da Bacia Amazônica, destacando-se o Rio Branco, com 640 km de extensão, afluente do Rio Negro (DOMINGUES, 2005, p 64). Entretanto, em toda sua extensão territorial o estado conta atualmente com três empresas de jornalismo impresso: *Folha de Boa Vista*, *Roraima Hoje*



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

e *Jornal de Roraima*, que monopolizam a atenção do público leitor. Este último entrou em circulação no ano de 2013, sendo assim, as considerações elaboradas neste artigo acerca da editoria de meio ambiente dirigem-se aos jornais mais antigos no estado analisando a produção dos jornais no período de 2011 e 2012.

O primeiro dos jornais analisados, *Folha de Boa Vista*, possui 29 anos de existência. Segundo dados oficiais da empresa, disponíveis em matérias da versão on-line do jornal:

A Folha foi a primeira tentativa em Roraima de um jornal estruturado, que obedeceu ao estilo dos grandes jornais, com uma linha de produção que começa na captação da notícia e termina na distribuição dos exemplares impressos. Foi também o primeiro jornal-empresa do Estado, visto que em sua estrutura foram introduzidos departamentos até então inexistentes em outros periódicos locais, como Administração, Finanças, Redação Gráfica (SILVA e VIEIRA, 2010. Apud PIMENTEL, 1996, p. 27).

Situado na Rua Lobo D'almada, nº 21, bairro São Francisco, o jornal foi fundado pelos jornalistas Fernando Estrela, Cosete Spíndola, Sônia Tarcitano e Cícero Cruz Pessoa. Sua primeira edição foi veiculada em 21 de outubro de 1983. Devido à falta de estrutura física adequada e experiência da equipe, circulava apenas uma vez na semana com um único caderno, sendo impresso fora de Roraima, que ainda era Território Federal.

O segundo jornal analisado é o *Roraima Hoje*, que tem sua sede localizada na Alameda dos Girassóis, nº 77, bairro Pricumã. Sua história é recente: tem apenas seis anos de existência, fundado em 07 de dezembro de 2006. De propriedade do empresário Flávio Rabello, inicialmente tinha tiragem de 800 exemplares. Uma parte era distribuída gratuitamente e a outra comercializada. A estratégia objetivava tornar o veículo conhecido entre os consumidores e anunciantes.

E se tornou conhecido. O público, de imediato, associava o jornal ao sensacionalismo da editoria de Polícia. As primeiras edições tratavam as notícias policiais com muito bom (mau) humor. Às vezes, o tom bem humorado chegava a chocar os leitores. Trocadilhos e linguagem popular eram as principais características. Por isso, o veículo alcança principalmente as camadas C e D.



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Sobre os resultados da apreciação de ambos os periódicos, pode-se, de forma geral, sugerir um resultado similar ao observado por Luís Fernando Angerami, em sua obra “*Meio Ambiente e Meios de Comunicação*” (1996). Nela, o autor investiga como a imprensa brasileira cobriu a Conferência Mundial do Meio Ambiente de 1992, a Rio 92:

O que se observou é que, de maneira geral, as matérias publicadas no período pesquisado privilegiaram, basicamente, um determinado enfoque político-econômico da problemática ambiental, reduzindo a dimensão multidisciplinar da questão por praticamente ignorar os seus elementos sociais e científicos. (RAMOS, 1996, p 153).

Em particular no jornal *Folha de Boa Vista* ficou evidente o posicionamento contrário do veículo em relação a uma abordagem ampla e participante das temáticas ambientais.

Temas indígenas não são muito frequentes, apesar da forte herança indígena da população local. O tema “Homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol” foi destaque no período pesquisado; contudo, relativamente a notícias que se referiam às insatisfações dos “desintrusados” (não-índios retirados da Terra Indígena Raposa Serra do Sol). Estes reclamavam do “calote” que levaram do Governo Federal que ainda não tinha resolvido o problema das indenizações. Essas matérias eram veiculadas principalmente na editoria de *Política*.

O tema estava presente no dia 01 de junho e em outras edições do *Roraima Hoje*, como na de Sábado/Domingo, 04 e 05 de junho de 2011: “Violência no campo: Quartiero culpa política ambiental pela situação. Chamou de programa neocolonial impedindo o Brasil a se desenvolver, ter soberania e ser grande potência” (*Política*, p. 3). A questão ambiental quase sofreu a distorção pretendida pelos produtores de arroz retirados da Reserva. Tais notícias só evidenciam a predominância de alguns setores da sociedade que têm acesso privilegiado aos meios de comunicação tendo, conseqüentemente, mais condições de manifestar seus interesses por meio da imprensa e, assim, influir na formação de opinião (RAMOS, 1996, p 148).

Eles alegavam que a demarcação das terras só favorecia um dos lados dos envolvidos e que o Governo Federal estava despreocupado com os moradores de Roraima. O argumento várias vezes fornecido era de que as demarcações destinavam boa parte do



território do estado para as reservas e que por isso sobravam poucas terras para o desenvolvimento da agroindústria no estado.

As demarcações de terras em áreas indígenas estão sempre cercadas de polêmica e as discussões estão presentes em todo o país, como contextualiza Gonçalves (2001):

A apropriação desigual das terras é um dos fatores mais importantes responsáveis por grande parte dos conflitos sociais que ocorrem no país e está na origem da desigualdade de poder político, econômico e de prestígio na sociedade brasileira como um todo. A Amazônia não foge a esta regra constitutiva de nossa formação social. O que causa estranheza é que os conflitos pela terra sejam graves numa região sempre apresentada como de vasta disponibilidade de terras e caracterizada como de densidade demográfica baixa. No entanto, com toda certeza, *há muita terra para pouquíssimos latifundiários*. (GONÇALVES, 2001, p 50).

Em estudo sobre o poder de influência dos jornais locais na formação da opinião pública em Roraima, Silva e Vieira (2010) concluíram que “a homologação da Área Indígena Raposa Serra do Sol, em área contínua, sempre sofreu constantes ataques por parte da imprensa, em particular, do Jornal *Folha de Boa Vista*, que era determinadamente contra a sua homologação, inclusive destinando espaço a artigos de opinião e promovendo seminários” (SILVA, VIEIRA, 2012, p 156-157). Conduta abominada por qualquer defensor da ética, como o autor Alberto Dines:

Repórteres não incorporaram ainda ao seu comportamento a atitude de ouvir os dois lados de uma questão no mesmo dia, na mesma matéria. Dirigentes ou proprietários de jornais, com exceções é claro, nem sempre se libertaram da onipotência, seja institucionalizando as “listas negras” (assuntos e pessoas que não podem aparecer no jornal), seja abraçando interesses, sem adotar qualquer isenção diante de causas e pessoas (DINES, 1986, p 62).

A estratégia de desvirtuar a realidade também foi tentada pelos madeireiros. Em 15 de junho de 2012, na seção *Cidade* do jornal *Folha de Boa Vista*, matéria informava que madeireiras continuavam bloqueadas e sem funcionar, e os trabalhadores do setor reivindicavam soluções (*Folha*, p. 11).

Uma operação intitulada “Salmo 96:12” investigou crimes ambientais cometidos pelas madeireiras. Na verdade, o escândalo referia-se ao esquema de corrupção envolvendo esses crimes. Vários setores públicos participavam de uma rede de corrupção que liberava licença ambiental para madeireiros desmatarem à vontade em áreas proibidas. As fontes, os



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

próprios empresários, quiseram tirar os crimes ambientais dos holofotes e criar uma situação na qual a operação em benefício do meio ambiente fosse vista como prejudicial ao desenvolvimento de Roraima. Consequentemente abafaram o debate. Uma recomendação básica dos manuais de ética no jornalismo foi posta de lado pelos repórteres: a checagem minuciosa das informações oferecidas pelas fontes, como explica Rossi (1980):

Para compor uma reportagem, o jornalista vale-se, fundamentalmente, de fontes de informação, conhecedoras do tema, mas também nele interessadas (direta ou indiretamente, política ou economicamente, em busca de prestígio, vingança ou qualquer outro motivo). Extrair dessas fontes informações que as prejudiquem é, evidentemente, muito difícil, se não impossível. Cabe, então, ao repórter, pesar cada informação passada pelas fontes, confrontá-las com outras, oriundas de outros informantes, avaliá-la em função de seus próprios conhecimentos ou informações anteriores sobre o tema – e, assim, compor o seu próprio quadro (ROSSI, 1980, p 50-51).

O atraso econômico também foi motivo para os empresários do Estado se posicionarem contra a preocupação com o meio ambiente quando começaram as especulações sobre a votação do Novo Código Florestal Brasileiro. De novo, o argumento foi de que as novas regras diminuía muito a quantidade de terra liberada para a produção econômica. Em nenhuma destas situações os jornais se posicionaram a favor do debate, propondo que o leitor tirasse suas próprias conclusões, depois de esgotados os argumentos de ambos os lados, respeitando a multidisciplinaridade inerente ao jornalismo ambiental. Pode-se assim argüir, com Ramos, que,

Nesse contexto (mau uso da ecologia) se encaixam discursos que afirmam que a defesa do meio ambiente vem sendo usada pelos países ricos como uma estratégia para “inibir o crescimento nacional”, quer como instrumento de uma “orquestração internacional” cuja finalidade é impedir a utilização dos nossos recursos naturais, quer como instrumento de protecionismo para dificultar o nosso o livre acesso ao comércio internacional (RAMOS, 1996, p 154).

É relevante constatar a presença significativa de matérias defendendo o ponto de vista de que, apesar dos problemas ambientais que vivemos, a relação homem/natureza deve ser mantida nas mesmas bases para não ameaçar o desenvolvimento da humanidade e a continuidade do que se credita como progresso. Esse discurso encontra amparo na argumentação de que o ambientalismo estaria promovendo uma suposta



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

“supervalorização” da natureza, num processo no qual o ser humano seria excluído da natureza e não teria mais os mesmos “direitos” sobre ela. Em decorrência, essa postura reforça “a crença de que o homem domina plenamente a natureza, dificultando, assim, a conscientização dos problemas ambientais no conjunto da sociedade, bem como os efeitos e consequências das intervenções humanas no meio ambiente” (RAMOS, 1996, p 155).

No que concerne à “Semana do Meio Ambiente”, as matérias relativas aos primeiros dias do mês eram diárias. O assunto ainda gerou matérias até o final do mês. Mas estas versavam sobre os trabalhos desenvolvidos nas escolas como, por exemplo, a edição do dia 25 de junho de 2012 da *Folha de Boa Vista*. A página 10 trazia a manchete: “Agenda 21 movimentada escola no fim de semana”. E o subtítulo: A Agenda 21 brasileira é um instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do país.

A data é muito utilizada. Principalmente na primeira semana do mês, a “Semana do Meio Ambiente” é a “cartola” mais empregada. Durante essa semana todas as atividades relacionadas ao meio ambiente são divulgadas. A agenda do poder público é a principal fonte. Praticamente todos os dias, durante a “Semana do Meio Ambiente”, sai uma notícia sobre um evento organizado pela prefeitura de Boa Vista ou pelo governo do Estado de Roraima. Particularmente sobre a programação estadual, descobriu-se que ela se estende por mais uma semana. Matéria publicada no jornal *Folha de Boa Vista* do dia 03 de junho de 2011, por exemplo, informa sobre a “Quinzena Ambiental” que naquele ano terminaria no dia 10 de junho.

O texto esbarra na estrutura básica adotada pelos jornais locais quando a pauta refere-se a eventos: limita-se a passar informações sobre programação, objetivos dos projetos, presença de autoridades, etc. Exemplos consistem em: *Folha de Boa Vista*, dia 21 de junho de 2012, editoria de Cidade, página 10: “Muro ecológico é inaugurado e alunos premiados” e “Ulysses Guimarães: Alunos desenvolvem ação de meio ambiente na praia do Cambará”. Fica assim evidente, nas análises de conteúdo dos jornais, que os eventos da Semana (ou Quinzena) do Meio Ambiente são tratados com esse enfoque meramente informativo. A fórmula é a mesma adotada para todas as seções: quais são os parceiros organizadores, quais os objetivos, qual a programação, etc. Pode-se mencionar, para auferir estas conclusões, as edições de Sábado e Domingo 04 e 05 de junho de 2011, *Folha de Boa*



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Vista, Editoria Cidade”, sob a manchete: “Instituições fazem ações em favor do meio ambiente”. A estrutura da matéria é assim composta:

O Ministério Público Federal em Roraima (MPF-RR) promove de 05 a 11 de junho a 2ª Semana do Meio Ambiente da Procuradoria da República em Roraima. O evento conta com a parceria do Instituto Chico Mendes (ICMBio), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Estação Ecológica Ilha de Maracá (Esec Maracá) e Universidade Federal de Roraima (UFRR). O objetivo é sensibilizar as pessoas quanto à importância do engajamento social nas ações de preservação do meio ambiente (p. 11).

A matéria segue com a divulgação da programação, procedimento para efetuar as inscrições e conta o tema da edição. Os setores cobertos regularmente pela imprensa são, quase exclusivamente, organismos oficiais, organismos do aparelho de Estado – e não organismos da comunidade em si (ROSSI, 2000, p 18-19). Em se tratando de jornalismo ambiental, isso se evidencia na imprensa local. O material jornalístico institucional deveria funcionar na prática como fortifica a teoria: uma sugestão de pauta. No “kit”, que inclui texto e fotos, enviado às redações, estão informações prévias que apenas apresentam a notícia. Apesar de constituírem-se em matérias “prontas”, os *releases* geralmente mencionam episódios futuros. Ou seja, fornecem os dados que ajudarão o repórter a entender o fato que ainda irá acontecer a fim de facilitar a produção da reportagem.

O tema lixo é o mais esporádico. Ele aparece nas denúncias dos leitores. Na maioria das vezes por causa de ruas e avenidas sujas. Mas é comum também ler sobre a falta da coleta de lixo e terrenos abandonados cheios de entulhos. Neste sentido, os dois jornais conseguiram atuar como prestadores de serviço, divulgando a agenda do programa *Operação Cidade Limpa*. Por outro lado, fracassaram com relação à educação ambiental. Conforme destacou a revista UFRR Notícias de março de 2010, “A população é responsável por 90% da poluição e destruição dos igarapés, rios e lagos, jogando lixo e criando esgotos clandestinos”.

A ausência de aprofundamento do tema é preocupante porque o lixo é um dos mais graves problemas enfrentados pelas cidades brasileiras como expõe Reinaldo Canto em seu blog [cantodasustentabilidade.blogspot.com.br](http://cantodasustentabilidade.blogspot.com.br):



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

São poucos os municípios que encaram esse problema com a urgência e relevância que o assunto faz por merecer. A maioria das cidades permanece distante dessa discussão.

De acordo com o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, divulgado pela Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), a quantidade de resíduos sólidos gerados no Brasil em 2011 totalizou 61,9 milhões de toneladas, 1,8% a mais do que no ano anterior. Do total coletado, 42% do lixo acabaram em local inadequado.

Em 2011, foram coletados 55,5 milhões de toneladas de resíduos sólidos. Sendo que 42% desses resíduos foram parar em locais inadequados como lixões e aterros controlados. E, ainda pior, cerca de 10% de tudo o que é gerado acaba tendo destino ainda pior em terrenos baldios, córregos, lagos e praças.

Dentre os aspectos positivos observados, está a editoração esporádica da rubrica Meio Ambiente no “Caderno B” do jornal *Folha de Boa Vista*, por pelo menos quatro vezes: 03 de junho de 2011, 10 de junho de 2011, 17 de junho de 2011, 24 de junho de 2011. Em todas as vezes que o jornal apresentou mais qualidade nos textos, como interpretação e aprofundamento foram nestas quatro edições especiais.

### **Considerações finais**

As temáticas ambientais não são abordadas de forma aprofundada pelos veículos de comunicação analisados por este trabalho. Há uma deficiência na produção jornalística dos dois jornais. E os critérios de noticiabilidade são parecidos, repetindo, de forma redundante, muitas das pautas.

Durante o mês de junho, dos anos 2011 e 2012 dos jornais *Folha de Boa Vista* e *Roraima Hoje*, os assuntos são muito similares: programação da semana do meio ambiente, denúncias referentes ao lixo e a abundância de chuvas. Nos dois anos foram muito presentes os três tópicos. Em junho de 2012, dois outros tópicos entram para a lista, a conferência sobre meio ambiente, a Rio+20 e a votação do Novo Código Florestal.

A programação da semana do meio ambiente ficou por conta do trabalho das assessorias de imprensa da prefeitura de Boa Vista e do governo do Estado de Roraima. Ambas são responsáveis por divulgar os projetos dessas instituições. E neste período do ano são desenvolvidas as principais atividades de educação ambiental.

Com a pesquisa realizada nos dois jornais, verificou-se que a ausência de um jornalismo efetivamente fiscalizador e preocupado com a temática ambiental tem origens bem peculiares em Roraima. A especialização do jornalista resta, nesse





sentido, extremamente necessária. A sugestão é recomendada por um dos pioneiros nos estudos sobre jornalismo ambiental no Brasil, o professor Wilson da Costa Bueno.

A editorialização gera um corpo de preocupações explícitas relativamente a determinados temas. No caso dos dois jornais citados, comprovou-se uma multiplicação das pautas ambientais, bem como o engrossamento da percepção acerca do meio ambiente, nas edições de junho de 2011, do *Folha de Boa Vista*, quando o jornal trouxe em seu Caderno B a rubrica *Meio Ambiente*.

Em quatro edições do mês, dias 03, 10, 17 e 24, o periódico apresentou textos mais bem produzidos e aprofundados. O que evidencia que o espaço fixo dedicado às temáticas ambientais influencia diretamente na qualidade do material jornalístico produzido pela imprensa local.

Os temas abordados nessas edições não incluíram nenhuma denúncia ou reportagem investigativa, apesar disso, valorizou-se a educação ambiental. Isso, considerando que as matérias trouxeram a programação da semana do meio ambiente, a preocupação com a reciclagem e exaltação de uma paisagem natural local, a Estação Ecológica de Maracá.

Assim como em muitos lugares do país, Roraima possui uma imprensa atrelada a grupos empresariais que utilizam seus veículos de comunicação para transmitir seus ideais e vetar os que vão contra seus interesses. Os donos dos dois jornais estudados estão diretamente vinculados aos principais atores envolvidos com as temáticas ambientais no estado. O que impede o engajamento dos diários na cobertura crítica e independente das questões ambientais.

Mas, ao mesmo tempo, a educação ambiental, exercitada pelo *Folha de Boa Vista*, como foi percebida, não prejudica os interesses das empresas jornalísticas. O que demonstra que esses jornais podem, efetivamente, contribuir para um progresso na cobertura das temáticas ambientais, mesmo que limitados a um trabalho de educação. O leitor carece de informação sobre desperdício de água potável, queimadas em perímetro urbano, poluição de ruas e igarapés, despejo de lixo eletrônico, etc.

O jornalismo brasileiro se consolidou como um meio informativo que prioriza o alheamento na transmissão da notícia. Elementos essenciais ao bom exercício da profissão como a investigação e a interpretação foram postos de lado em função do comodismo



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

proporcionado pelo hábito de informar sem comprometer-se, adquirido em decorrência da mudança da direção dos jornais que passou de jornalistas para empresários.

### Referências bibliográficas

ANIVERSÁRIO De 27 Anos: Credibilidade é a maior marca da Folha. In: <[http://www.folhabv.com.br/Noticia\\_Impressa.php?id=96598](http://www.folhabv.com.br/Noticia_Impressa.php?id=96598)> Acesso em: 27 de setembro de 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica – as técnicas de jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOUR, Ana Maria Alves. **Jornalismo Ambiental**. São Paulo, 2003. 55f. dissertação (Jornalismo) disponível em <http://www.cpap.embrapa.br/teses/online/MON02.pdf> Acesso em 05 de novembro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, São Paulo, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007. Editora UFPR. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewArticle/11897>> Acesso em 05 de novembro de 2012.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo, “marketing verde” e transparência. In: <[http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo\\_ambiental/artigo7.php](http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_ambiental/artigo7.php)> Acesso em 18 de novembro de 2012.

DINES, Alberto. **O papel do jornal – uma releitura**. 4.ed. São Paulo: Summus. 1986.

DOMINGUES, João Benito Maica. **Diversidade Biológica de Roraima**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

LUFT, Shirley. **Jornalismo, meio ambiente e Amazônia – os desmatamentos nos jornais *O Liberal do Pará* e *A Crítica do Amazonas***. 1.ed. São Paulo: Annablume, 2005.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – UnB, 1996.

MORETZSCHON, Sylvia. **O jornalismo como esclarecimento: contra a separação entre informação e opinião**. Artigo apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Sergipe. 2007.

NETTO, Samuel Pfromm. **Tecnologia da educação e comunicação de massa**. São Paulo: Pioneira, 1976.



RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 1996.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SILVA, Paulo Sérgio Rodrigues da; VIEIRA, Jaci Guilherme. Uma breve análise histórica do jornal Folha de Boa Vista e suas influências políticas e ideológicas. *Norte Científico*, v.5, n.1, dezembro de 2010.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações. Investigação sobre sua natureza e suas causas**. Tradução: Luiz João Baraúna. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.



30º ENCONTRO  
REGIONAL NORTE  
DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

## O Ethos de cada um: limites e associações entre a ética profissional de jornalistas e corporativa de empresas de Comunicação

Robson DIAS<sup>132</sup>

**Resumo:** A ética profissional trata da dimensão do dever-ser. No artigo, consideraremos dois referenciais éticos: o *Ethos do Jornalista*; e o *Ethos do Jornalismo* e discutiremos a relação dialética entre as possibilidades da ética e as limitações da prática tanto do profissional (a responsabilidade social, o compromisso com a verdade, a pluralidade de opiniões, a função de informar a sociedade, trabalho em prol do *interesse público*, a *Liberdade de Imprensa* e a autonomia do jornalista), quanto das organizações jornalísticas (critérios de *Objetividade*, a neutralidade, imparcialidade, além do ideal de obtenção da informação em primeira mão).

**Palavras-chave:** Ética, Ethos, Jornalista, Jornalismo, Organização

No artigo, não temos interesse em trabalhar a significação filosófica das diferentes abordagens e conceituações sobre ética, mas fazer uma compilação das representações sociais da eticidade relativas à profissão e ao mercado de Jornalismo. Tomamos como referencial o pensamento de Kant relativo à Deontologia, postulante de um ethos do *dever ser*. Até porque entendemos os juízos de valor do jornalista contextualizados num mundo pós-moderno, marcado pela fragmentação do indivíduo, crise da verdade na ciência (com a decadência do empirismo) e ascensão do construtivismo. Estes aspectos são tomados como estruturais e objeto de estudo histórico como formação do campo profissional.

---

<sup>132</sup> Doutor em Comunicação, formado pela Universidade de Brasília (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, PPGFAC/UnB) a partir do vínculo com os seguintes projetos de pesquisa credenciados no CNPQ: *A ideia do pós-Jornalismo* (2010-2013), *O Jornalismo como Teoria Democrática* (2006-2010) e *Como o Terceiro Setor pauta a mídia* (2003-2006). Atualmente, é professor titular do mestrado Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Católica de Brasília (PPGSSCOM/UCB): [r.ucbprofessor@gmail.com](mailto:r.ucbprofessor@gmail.com).

A revisão teórica e problematização apresentadas, neste artigo, serviram de base para o enfrentamento do trabalho empírico da pesquisa de mestrado *A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso*, trabalho feito sob a orientação da Profª Drª Dione Oliveira Moura (presidente SPBJor: gestão 2011-2013). O autor recebeu bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).



## O jornalista e o referencial teórico da Ética

Os estudos sobre ética são inúmeros. Alguns modelos que fazem o panorama das diferentes concepções sobre o tema são:

1. A **Ética Grega** – a virtude não obrigatória, exigindo requisitos e apresentando-se de forma distinta em relação a certos papéis sociais, achando-se dissociada do saber. O Mito da Caverna representa a idéia do bem. Alcançar o bem indica atingir o mais alto nível de sabedoria
2. A **Ética da Salvação** – elaborada durante a Idade Média, assim denominada por ter interpretado a ética Grega de ângulo teológico, dando precedência à vida eterna. Para Aristóteles o fim da moral é a ação dos homens. Para São Tomás de Aquino o fim do homem não se encontra na relação com o homem, mas na pessoa, no sentido de uma natureza espiritual
3. A **Ética Social** – elaborada nas nações protestantes, na época Moderna, com o propósito de fixar critérios para a incorporação de princípios morais à sociedade, já que a moralidade básica é entendida como sendo individual e dizendo respeito a uma relação com o Criador que não admite mediações.
4. A **Ética do Dever** – formulado por Kant, que circunscreve o problema ético ao da fundamentação da moral, preconizando uma solução racional, sem recurso à divindade. Separação entre moral e religião. Imperativo categórico: age como se a tua ação se possa transformar numa lei universal. O homem é um fim em si mesmo e não pode ser usado como meio.
5. A **Ética Eclética** – propõe-se a conciliar o racionalismo kantiano com a simultânea admissão de inclinações morais nos homens, adotada pelos neotomistas [adeptos da filosofia de São Tomás de Aquino]
6. A **Ética dos Fins Absolutos** – “os fins justificam os meios”, que sem abdicar dos pressupostos cientificistas que a fazem renascer na época moderna, veio a ser encampada pelos marxistas [adeptos da luta armada]
7. A **Ética de Responsabilidade** – proposta por Max Weber, que pretende fazer renascer a tradição kantiana, no que respeita à eliminação da dependência à religião reelaborando-a para abandonar os vínculos porventura tivesse estabelecido com a suposição de uma sociedade racional (SILVA, 2003, p. 10)

Silveira (1993) considera que o fato do espaço público passar a ser agenciado por uma lógica de mercado é efeito do referencial de *Objetividade* e dos valores profissionais, oriundos da cultura organizacional, que circundam o campo do jornalismo. Para a autora, a ética, aplicada ao campo jornalístico, é contextualizada da seguinte forma:

Na mudança do paradigma mecanicista para o novo paradigma holístico, sistêmico ou orgânico, a ética jornalística precisa mudar



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

também passando a se basear na consciência social e não no deslize ou outras formas de sensacionalismo durante o processo de seleção e edição das notícias. A nova ética passa pela responsabilidade no sentido weberiano do termo, ao qual veículos de comunicação resistem baseados no argumento de que a ética da responsabilidade no jornalismo implicaria num risco de autocensura, uma vez que caberia ao veículo decidir sobre o que é bom ou mal para a opinião pública.

Quando a imprensa coloca todo o seu trabalho em termos de mercado está “marketizando” o espaço público e substituindo o seu produto por imagens. Não é mais a notícia que chega às bancas, é a “notícia-verdade”, que usa a objetividade e suas derivações para sustentar essa imagem. Com a ética do marketing, os resultados de mercado ganham o patamar de signo, quando deveriam ser considerados um valor (SILVEIRA, 1993, p. 162-163).

Existem implicações éticas peculiares a cada tipo de juízo valorativo, seja de ordem pessoal ou coletiva. Silva (2003) as distingue utilizando o seguinte referencial:

Nem sempre as orientações difundidas no meio de uma corporação encontram apoio nas convicções individuais. A *Ética da Convicção*, portanto, volta-se mais para o indivíduo, enquanto que a *Ética da Responsabilidade* diz mais respeito às coletividades. A primeira está relacionada aos deveres (deontologia = tratados dos deveres); a segunda, aos fins (SILVA, 2003, p.12).

Desde a universidade, a formação de jornalistas tem forte foco na deontologia. Considerando cursos com currículos humanísticos. Muitas vezes, currículos tecnicistas contribuem para a socialização, desde a faculdade, com a ética oriunda da prática jornalística no mercado noticioso.

O conflito ético no campo do Jornalismo geralmente reflete a distância entre teoria e prática; universidade e mercado. O referencial deontológico, de implicação pessoal, comungado pela cultura profissional, muitas vezes fica no plano teórico e não é aplicado na prática. Com a influência de valores egressos da realidade cotidiana, subsidiários do mercado de trabalho e da socialização de princípios em dada cultura organizacional, fazem com que os profissionais tenham certa dificuldade nas tomadas de decisão. Para Fittipaldi (1998),

Nas redações, o que vemos em geral é que os jornalistas vagam entre um ideal de objetividade e isenção e seu oposto - a interpretação do fato - o que em si também significa tomada de partido, compromisso